

O ESPECÍFICO E O GENÉRICO: UM CASO DE VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA CEARENSE

Iúta Lerche Vieira Rocha ¹

Resumo

O trabalho descreve um traço específico de variação lexical no Ceará, sistematizando um dos princípios de organização do vocabulário neste dialeto. Focaliza os mecanismos de restrição e extensão do significado na abordagem variacional, verificando a ocorrência de termos gerais onde, em outros dialetos de referência, seriam esperados termos específicos e vice-versa. Os dados foram coletados em situações naturais de fala e no Dicionário de Expressões Populares de Tomé de Cabral, tomando como referência formas dos dialetos do eixo Rio-S.Paulo. O inventário está organizado por significados e/ou por relações semânticas, sendo precedido de uma breve análise teórica dos mecanismos de restrição e de extensão de significado.

Abstract

This paper describes a specific feature of lexical variation in the state of Ceará, systematizing one of the vocabulary-organizing principles in this dialect. It focuses upon the restriction and extension mechanisms of the signification under the variational approach, verifying the occurrence of general terms where those which are specific would be expected and vice-versa. In other words, it deals with the current use of words or expressions with a more concrete and particular character as well as the use of more abstract and general forms than the ones employed in the central and southern regions of the country in order to convey the same concepts. The project consists of a gathering of data from the spoken language collected both freely, in natural speech situations, and in the Dictionary of Popular Expressions by Tomé de Cabral. Correlated forms from the dialects of the Rio-São Paulo area were used as reference. The inventory is organized by means of logical and/or semantic relations, being preceded by a brief

theoretical analysis of the restriction and extension mechanisms of the meaning.

Palavras-Chave: variação lexical, vocabulário, restrição/extensão do significado, termos específicos/genéricos.

INTRODUÇÃO

Num país com as dimensões geográficas e com as peculiaridades sócio-culturais do Brasil o estudo da variação lingüística assume um significado especial. Consideremos inicialmente a amplitude do fenômeno variação, passível de se manifestar em qualquer nível do sistema lingüístico (fonológico, sintático, semântico e até no plano discursivo), abrangendo, portanto, uma ampla gama de diferenças dialetais.

No nível fonológico, por exemplo, temos a variação decorrente da realização sonora das palavras. No nível sintático, as construções resultantes da combinatória de palavras em frases ou em enunciados maiores. Já no nível semântico, os aspectos variacionais referem-se aos relacionamentos de significado estabelecidos entre palavras ou estruturas, incluindo-se as possibilidades de escolhas lexicais representativas da categorização particular da experiência dos falantes. No nível discursivo, por sua vez, temos variações decorrentes especificamente de influências ou efeitos do contexto comunicativo, com todos os aspectos pragmáticos nele envolvidos.

Essas diferenças são determinadas quer por fatores geográficos (variedades diatópicas, relativas a dialetos regionais), quer por fatores sócio-culturais (variedades diastráticas, relativas a dialetos sociais, ligados à características do falante como idade, sexo, classe social, profissão, ou mais especificamente aos registros de fala ou situações de uso da linguagem).

¹ Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC/SP.

Em relação ao campo dos estudos variacionais acima delimitado, pode-se dizer que o presente trabalho constitui uma análise diatópica da fala cearense a nível léxico/semântico.² Constitui um trabalho de variação dialetal, não no sentido restrito dos trabalhos correntes de dialetologia lexical, mas numa perspectiva mais abrangente, ou seja, a de tentar sistematizar um dos princípios organizacionais do vocabulário neste dialeto.

Em que pese a necessidade de descrição em todos os níveis de variação dialetal, é no léxico que se manifestam os aspectos mais particulares da cultura regional (MIRA MATEUS, 1983). O vocabulário não só apresenta especificidades diferenciadoras, como também abriga curiosas relações do ponto de vista da variação lingüística regional. Assim, por exemplo, um falante do centro-sul do Brasil que chegue ao Ceará certamente estranhará o uso de certas expressões correlatas para designar coisas semelhantes, ou até mesmo de expressões idênticas para referir-se à coisa diferentes³ ou aparentadas.

Por outro lado, o interesse empírico na área do vocabulário cresce proporcionalmente à consciência de que, na aquisição, a sintaxe já está inscrita no aparato lingüístico inato, estando prevista no funcionamento modular da mente. Isto significa que as regras de combinação sintáticas de cada língua serão naturalmente *ativadas* no contato com o meio-ambiente. O vocabulário, ao contrário, é totalmente *aprendido*, resultando da experiência sócio-cultural que envolve cada língua ou dialeto, com destaque para a criatividade operando sobre conteúdo verbal. Os mecanismos de aquisição e de variação do léxico, suscitam, pois, uma especulação crescente. No Brasil, contudo, as pesquisas nesta área ainda se encontram em estágio inicial.⁴

Quanto à prioridade de análise, vale referir que os dialetos mais distantes do centro-sul do país, aqueles falados exatamente nas regiões menos desenvolvidas do país têm sido também menos estudados e muito deles se conservam praticamente intactos à espera que se lhes desvele todas as nuances significativas.

Esta constatação vem reforçar outro argumento justificador do presente estudo, que é o questionamento das atitudes preconceituosas associadas à línguas ditas “primitivas”, a dialetos minoritários ou socialmente estigmatizados.

Um dos axiomas da lingüística atual é a igualdade de valor lingüístico atribuída a todos os dialetos, o que implica numa valorização dos diferentes falares. No entanto, não se pode fugir à evidência de que a língua também traz em

seu bojo o germe da desigualdade (HUDSON, 1980). Isto se atesta pelos usos ideológicos que dela se façam, como também pelos preconceitos lingüísticos tão arraigados aos falantes em geral e já presentes em crianças de idade pré-escolar (ROSENTHAL, 1974 e LOCAL, 1978 apud HUDSON, Op.cit).

Diante destas colocações, é patente que os estudos variacionais muito podem contribuir para o entendimento das relações entre língua e sociedade, na medida em que, descrevendo as diferenças, abrem caminho para a compreensão da unidade e o respeito à variedade. É esta a motivação do presente estudo.

I. O FOCO DA ANÁLISE

Este trabalho procura descrever um traço característico da variação lexical no Ceará, qual seja a ocorrência de termos genéricos por específicos, e vice-versa. Dentre os mecanismos em jogo na variação lexical do dialeto cearense está o recurso freqüente à criação de formas mais específicas ou mais genéricas que as empregadas em outras regiões para fazer referência aos mesmos conceitos, configurando um fenômeno de restrição e de extensão do significado. Trata-se do uso corrente de palavras de caráter mais concreto e particular, ou denotadoras de maior abstração e generalidade que as variantes usadas para cobrir os mesmos significados nas regiões do centro-sul do Brasil, mais especificamente no eixo Rio-São Paulo.

Ilustrativo desta variável lingüística são as seguintes variantes regionais:

CE (Específico)	RJ/SP (Genérico)
rosa	flor
engomar	passar roupa
tertúlia	festa
jogar no mato	jogar fora
pastorar	tomar conta, vigiar
ir à rua	ir ao centro da cidade

CE (Genérico)	RJ/SP (Específico)
mulher	moça, senhora, menina
homem	rapaz, senhor, menino
verdura	cheiro-verde
papel	documento ou qualquer impresso
água	chuva

² O termo semântico será usado exclusivamente com referência ao significado de palavras ou expressões.

³ A propósito da maleabilidade do dialeto cearense, CABRAL (1982) menciona a possibilidade de uso de certas expressões com sentido contrário ao que expressam. Exs: “já vou chegando” com sentido de retirar-se; “nem lhe conto”, para indicar que há muito para contar e que o falante está ansioso para dizer tudo que sabe.

⁴ Merece destaque a contribuição que os Atlas Lingüísticos têm dado aos estudos dialetológicos, mapeando traços regionais fonéticos e lexicais e os mais recentes avançando no estudo da representação de diferenças sociais (BESSA, 1988). Pioneiros nesse campo de pesquisa são o “Atlas Prévio dos Falares Baianos”, o “Atlas Lingüístico de Minas Gerais” e o “Atlas Lingüístico da Paraíba”(ARAGÃO E MENEZES, 1984).

agrado presente, gratificação, gorjeta

O problema da preferência por termos particulares e gerais nas diferentes línguas é antigo, a ponto de ser apresentado por ULLMANN (1977) como um universal na semântica descritiva, no que diz respeito à estrutura geral do vocabulário. O que talvez seja novo é a apreensão do mesmo fenômeno de variação interlinguística a nível intralinguístico, isto é, a constatação e posterior sistematização de dados comprovadores de que o mesmo fenômeno que ocorre entre línguas diferentes se dê entre dialetos de uma mesma língua. É possível que a nível semântico possa ocorrer o que TARALLO e KATO (1987) apontaram a nível fonológico e sintático: uma simetria entre princípios de variação inter e intralinguísticos.⁵

Um ponto instigante deste estudo é justamente a verificação das nuances da variação, e aqui valeria perfeitamente a idéia de fixação de parâmetros emergente na sintaxe chomskyana. Senão, vejamos: com relação à implementação de termos mais genéricos ou mais específicos entre línguas, já se constatou que algumas preferem os primeiros, como o francês; enquanto que outras, como o alemão, optam por uma maior especificação. Há também a controvertida afirmação de que as línguas faladas por raças primitivas seriam mais ricas em termos específicos e mais pobres em termos genéricos que as demais. Este fenômeno, conhecido como “polionomia” (KAINZ apud ULLMANN, 1968) limitaria a capacidade de abstração dos povos dessas raças ditas primitivas. Este argumento tem sido usado pela teoria do relativismo linguístico (SAPIR-WHORF)⁶ para explicar a influência da linguagem sobre o pensamento.

Com relação à questão aqui proposta para investigação observa-se um fenômeno curioso - uma grande produtividade de palavras concretas, de sentido mais particular, o que poderia sugerir uma interpretação na linha do relativismo linguístico, apontando para uma correspondente dificuldade de abstração, via insuficiência vocabular. Por outro lado, também se verifica uma grande abundância de termos genéricos, o que desautoriza uma interpretação que considere o dialeto cearense, no caso, mais limitado ou mais pobre que os falares do eixo Rio/São Paulo, aqui tomados como ponto de referência para a análise deste fenômeno. O que é mais curioso ainda é que não se trata de mera *escolha* linguística a nível de sistema ou a nível de realização individual, mas de *troca* no duplo sentido - o específico usado com sentido genérico e este empregado com significado específico.

Diante disto, objetivamos fazer um levantamento de dados da língua falada representativos do vernáculo da comunidade em relação à variável especificação/generalização, recorrendo à expressões dicionarizadas e à observação livre. A seguir sistematizaremos algumas relações lógicas e/ou semânticas existentes entre as palavras e expressões do corpus, visando uma descrição mais detalhada do traço de variação lexical em estudo. O inventário de formas será precedido de uma breve análise teórica da questão, enfatizando os aspectos da mudança mais diretamente relacionados à restrição e à extensão do significado.

II. O CORPUS DE ANÁLISE

O corpus de dados analisado é constituído de palavras e expressões coletadas de forma empírica em situação natural de fala e no Dicionário de Termos e Expressões Populares de TOMÉ DE CABRAL, contendo 18.000 verbetes (1982).

As variedades consideradas não são propriamente *exclusivas* do dialeto cearense, no sentido rigoroso de delimitação geográfica e sócio-cultural. Neste terreno é prudente uma certa cautela. Não só porque atualmente tem-se restringido o espaço atribuído aos dialetos e às variedades sócio-culturais mais diferenciados na norma padrão (MIRA MATEUS, 1983), como também porque ainda não se conta com descrições precisas da variação lexical regional no Brasil.

Por outro lado, não se pode ser categórico quanto ao grau de penetração do fenômeno em estudo na fala com um todo. A simples observação nos leva a supor que o fenômeno não seja de todos os falantes em todas as circunstâncias de uso, e que venha, portanto, a se configurar como uma regra variável. É curioso observar que algumas formas se restringem à fala não-padrão, enquanto que outras (sujeitas à mesma regra ou mecanismo) são de uso comum.

III. A MUDANÇA DE SIGNIFICADO: ASPECTOS TEÓRICOS

1. Mecanismos de restrição e de extensão do significado

A restrição e a extensão do significado constituem *efeitos* da mudança semântica quanto ao *âmbito* do significado novo em relação ao antigo. Tais deslocamentos de sen-

⁵ Conforme TARALLO (1987:53), os parâmetros “poderiam ser definidos como conjuntos de propriedades delineadoras e diferenciadoras de sistemas linguísticos diversos”. A partir de análises de sistemas fonológicos do francês canadense, do espanhol das Américas e do português brasileiro, o autor postula uma sociolinguística paramétrica que aproxime o saber das teorias da variação e da mudança (Labov), ao modelo paramétrico da sintaxe (Chomsky).

⁶ A Teoria do Relativismo Linguístico, também conhecida como Hipótese Sapir-Whorf (nome de seu formulador), considera a linguagem modeladora do pensamento. Nesta concepção, o sistema linguístico básico (as categorias gramaticais foram as mais exploradas) de cada língua não é meramente um instrumento para expressar idéias. Ele é, antes de tudo, um formador das idéias e um guia para a atividade mental. Os modelos de linguagem codificariam a forma de organizar os conceitos em cada comunidade de fala. Neste sentido, haveria uma relatividade na representação do universo, dependendo do modo como cada língua está organizada.

tido podem ser entendidos como decorrentes de *fatores sociais* (ULLMANN, 1964:415). Assim, quando uma palavra passa do uso comum para um meio limitado (nomenclatura especializada, terminologia de um ofício arte, profissão etc.) tende a *restringir o seu sentido*. Inversamente, as palavras provenientes de um grupo para uso comum tendem a *ampliar o seu significado*. Deste modo, há, na verdade, duas tendências socialmente condicionadas que operam em direções opostas: *a especialização e a generalização* (Id.Ibid, p. 415).

Ambos processos são muito comuns e constituem uma das principais fontes de polissemia.⁷ Com efeito, observa-se um grande número de palavras que têm um significado geral na linguagem vulgar e sentidos especializados em grupos sociais particulares (esferas mais restritas), dos quais apenas um sentido será aplicável a determinado meio (Id.Ibid, p.335). É o caso da palavra “ação”. Para um advogado a palavra significará automaticamente “ação legal”, enquanto que para um soldado terá o sentido de “operação militar”. Já para um cinegrafista remeterá à idéia de “filmagem de uma cena”. E sem necessidade de outros termos qualificativos, pois o que conta é a idéia estar tão presente na mente do falante, a ponto de ser desnecessário declará-la na fala.

O grau máximo de especialização ocorre quando um substantivo comum se torna virtualmente um nome próprio que designa um só objeto num ambiente particular. Alguns exemplos clássicos do inglês britânico são: a City (centro da cidade), a House (casa do Parlamento), a Abbey (Abadia de Westminster), a Tower (torre de Londres) e outros. Na fala cearense, podemos ilustrar o fenômeno da especificação com ocorrências do tipo: “Quiboa” por “água sanitária”; rosa por “flor” em geral; “ir à rua” por “ir ao centro da cidade”.

É evidente que as causas sociais por si só não dão conta de toda gama de alterações das palavras. A mudança semântica pode ter origem em outros fatores, como os *linguísticos*, por exemplo. Trata-se de modificações por “contágio”, ou seja, alterações decorrentes de colocações e/ou associações a que as palavras estão sujeitas na fala. Lyons enfatiza a importância das considerações sintagmáticas para a discussão da especialização do sentido e Porzig, já na década de 30, mostrava que a abstração e a generalização dependem do afrouxamento das relações sintagmáticas (PORZIG, apud LYONS, 1977:214). Assim é que, se um lexema for usado freqüentemente em relação sintagmática com um conjunto restrito de lexemas ou de expressões que o modificam, pode vir a englobar o sentido destes. Na expressão inglesa “drive a car”, a palavra “car” desaparece, ficando apenas o verbo “drive” (Id.Ibid, p.216). As expressões cearenses “beber um gole de cachaça” e “querer falar em particular” transformam-se em “beber um gole” e “querer um particular”.

Razões *históricas* também podem conduzir à mudanças de significado. Neste caso a Língua mantém distinções

tradicionais, apesar de os objetos, instituições, idéias ou conceitos que ela representa se alterarem no curso do tempo.

As alterações semânticas podem igualmente ser resultantes de causas *psicológicas*. Assim, estados de espírito do falante, entre os quais fatores emotivos e tabus de linguagem, bem como estilos mentais característicos podem ser responsáveis pela implementação de metáforas.

Além disso, a *influência estrangeira ou a necessidade de um nome novo* também podem acarretar mudanças de sentido. Neste caso, palavras novas podem ser formadas por diferentes princípios: a partir de elementos já existentes (num contexto de campanha eleitoral surgem as palavras “carreata” e “bicicleata”, a partir de “passeata”); por importação de termos estrangeiros (como “Know-how”, “hand-out”, “software”, “toilette” etc.); ou ainda pela criação de novos significados para palavras já existentes (como em “sacar”, “colocar uma idéia”, ou como no verbo “colorir”, cunhado para expressar a adesão ao candidato à presidência Fernando Collor).

Todos estes deslocamentos e alterações semânticas fundamentam-se, em última instância, na própria natureza do vocabulário, na sua estrutura instável que possibilita a ocorrência de variação e/ou de mudança. O vocabulário é um sistema mais frouxo e menos limitado que o sistema fonológico e o sistema gramatical de uma língua, admitindo com maior flexibilidade a entrada de elementos novos, ao mesmo tempo que os já existentes poderão facilmente cair em desuso. *Essa ausência de fronteiras bem definidas no sistema lexical está na base da imprecisão do significado*, respondendo pela natureza genérica das palavras, pela polissemia, pela ambigüidade, pela perda de motivação⁸ e, ainda, por outros fatores propiciadores da mudança semântica.

2. A natureza da mudança semântica:

A condição necessária para a mudança semântica é sempre a associação entre o significado novo e o antigo, independente de se estar considerando o caráter fragmentado da mudança (palavras isoladas) ou, numa visão mais atual, o caráter sistêmico da mudança (mudanças por blocos de significados interrelacionados ou campos associativos).

Dois pares de critérios têm sido usados para classificar a mudança semântica: categorias baseadas na associação entre os *sentidos* (semelhança de sentido/metáfora e contigüidade de sentido/metonímia) e categorias baseadas na associação entre *nomes* (semelhança de nomes/etimologia popular e contigüidade de nomes/elipse).

O alcance desses quatro tipos de mudança semântica, todavia não é o mesmo. As alterações decorrentes da associação de sentidos são muito mais importantes para a língua que as associações envolvendo nomes. Ora, a metá-

⁷ A posseia surgirá mais facilmente nas palavras genéricas, cujo significado varia segundo o contexto, que nos termos específicos, cujo sentido está meno sujeito à variação (ULLMANN, 1968:91).

⁸ A palavra perde a ligação com sua raiz ou com outros membros da mesma família etimológica.

fora e a metonímia constituem duas forças complementares inerentes à estrutura básica de fala humana (Id.Ibid, p. 465).

Há que se considerar ainda que muitas alterações podem incluir-se em mais de uma categoria. Por outro lado, inúmeras formas são fruto de mudanças sucessivas, além da possibilidade de ocorrência de mudanças em blocos de significados correlacionados. Tais considerações alertam-nos para o risco de generalizações indevidas. Nem sempre os processos de alteração são visíveis. Há casos em que é indispensável uma investigação etimológica rigorosa para apreender as associações de significado e/ou de forma que se estabelecem entre as palavras no espaço e no tempo.

Embora nosso objetivo seja sincrônico/descritivo é inevitável tocar nesses aspectos, sob pena de termos uma visão muito fragmentada dos mecanismos de restrição e de extensão do significado.

Para a compreensão global do fenômeno em estudo é preciso recorrer complementarmente aos processos metafóricos e metonímicos. Enquanto a metáfora tende a abstrair os significados a partir do concreto (traduzir experiências abstratas em termos concretos), a metonímia tende a concretizar as palavras abstratas, atribuindo-lhes um significado concreto. Isto significa que, através de processos distintos, por uma espécie de “taquigrafia verbal” (Id.Ibid, p.443), os significados se ampliam ou se restringem.

A metáfora é uma “comparação condensada que afirma uma identidade intuitiva e concreta” (ESNAULT, apud ULLMANN, 1964:443). Quatro grupos principais de metáforas podem ser destacados: as metáforas antropomórficas, as metáforas animais, as metáforas do concreto ao abstrato a as metáforas sinestésicas.

O dialeto cearense é muito rico em expressões metafóricas, evidenciando-se uma grande quantidade de termos cunhados a partir de traços da realidade concreta, tal como ela é elaborada nesta região. Exs: bulir com o pensamento (= ficar preocupado); botar a perder (= estragar, inutilizar); botar prá cima de (= culpar, suspeitar); botar sentido em (= tomar conta de, prestar atenção, vigiar); deixar de mão (= não insistir, abandonar; doente do juízo (= doido).

As metáforas animais e as antropomórficas também têm largo uso e valeria à pena um estudo detalhado sobre o tema. A título de exemplificação do primeiro aspecto temos: bicho por animal ou por negócio e coisa; estar de bucho por estar grávida; lavar a burra por ter vantagem ou lucro nos negócios; espinhaço por coluna etc. Como exemplo de expressões cunhadas a partir de termos referentes à partes do corpo ou órgãos temos: avexado da cabeça por doido ou maluco; enfraquecido do pulmão por tuberculoso; não botar os pés por não ir mais a determinado lugar, descansar os ossos por dormir ou deitar e outros tantos.

A metonímia, ao contrário da metáfora, não estabelece relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si. Este tipo de associação de sentidos permite encurtar distâncias, facilitando a rápida intuição de coisas já conhecidas. (Id.Ibid, p.445). Sua classificação toma como base as associações subjacentes a elas: a parte pelo todo, a causa pelo

efeito, o continente pelo conteúdo, a marca pelo produto, a obra pelo autor, o local pelo acontecido no local etc.

Na discussão dos dados do levantamento feito, as transferências metonímicas serão melhor especificadas, em razão de sua importância para a compreensão do princípio de organização lexical aqui estudado.

3. Algumas relações lógico-semânticas relativas a níveis de generalidade

A teoria semântica mostra que as palavras se relacionam por princípios de organização interna que criam conjuntos de itens lexicais. Há, assim, entre as palavras relações semânticas básicas ou primitivas: sinonímia, antonímia, hiponímia ou inclusão de classe, incompatibilidade, oposição, escalas, complementaridade, conversão ou transposição, hierarquia etc. (LEHRER, 1974:22). Em alguns casos, no entanto, estes conceitos só se aplicam parcialmente, assim como podem se interpenetrar.

Vejam as relações semânticas mais diretamente ligadas ao foco de análise do presente estudo.

3.1. Inclusão de Classe (Lehrer) ou Hiponímia (Lyons)

A inclusão de classe ou hiponímia relaciona termos específicos a termos gerais. Ex: rosa, cravo e papoula são hipônimos de flor e flor é o termo superordenado relativo a estes itens lexicais. Este termo mais alto na taxonomia pode ser designado de várias maneiras: palavra-cabeça, palavra-envelope, rótulo ou arquilexema.

Em geral a hiponímia baseia-se numa implicação unilateral, definida pela fórmula “Se é X então é um tipo de Y” ou $A > B$, onde B é mais alto na taxonomia que A, mas não é o caso de $B > A$. Aplicando a fórmula poderíamos dizer: Se isto é uma rosa, então é uma flor. Mas se é uma flor não necessariamente será uma rosa. Caso a implicação seja bilateral (A e B puderem ser trocados um pelo outro), a relação será de sinonímia.

Embora a noção de hiponímia permita a organização do vocabulário em níveis taxonômicos hierárquicos (ex: vaca / mamífero / animal), também há problemas com este conceito. Lyons refere-se à ausência de termos de determinadas classes gramaticais para atuar como termo superordenados. Ex: para o conjunto de itens redondo / quadrado / alongado temos que usar as palavras forma, figura ou configuração, que não são da mesma classe gramatical que as palavras do conjunto anterior a que se referem. Deste modo é que se pode falar de “pseudo hipônimos” ou de “quase hipônimos”. Por outro lado, às vezes é preciso recorrer a paráfrases, na tentativa de chegar ao superordenado de certos termos. Ex: explicar a palavra “volta” recorrendo a “andar casualmente e vagarosamente”. E ainda assim, nem sempre dá certo, como por exemplo, dizer que “vaca é um bovino mamífero” implicar em usar o conhecimento de “vaca” para entender os outros conceitos, e não o contrário. Outro problema ainda é que algumas palavras têm um sentido geral e um sentido especí-

fico (ex: a palavra “presente”, dependendo do contexto, tanto poderá ser um termo específico como genérico, quando se refere, por exemplo, a relógio, gravata, caneta).

Finalmente, a competência para usar termos superordenados depende também do conhecimento de áreas especializadas do vocabulário, ao mesmo tempo que nem sempre há um consenso sobre o alcance de cada superordenado. Ex: ao ler a placa “Proibido o estacionamento de veículos”, todos entendem, mas não há a mesma certeza quanto ao alcance da palavra veículos. O que exatamente ela inclui: motos, ônibus, bicicletas, carros?

3.2. Complementares

São pares de termos que não figuram numa escala, embora, em certos casos fronteiros, isto possa ser admitido (LEHRER, 1974:28). Os critérios que relacionam termos complementares são conceptualmente complexos e admite-se variação subjetiva, daí se dizer que são cognitivamente sinônimos, mas conotativamente diferentes. Ex: magricela / magro / esbelto // obeso, gordo, forte (ou rechonchudo). No dialeto cearense há uma grande produtividade no uso de complementares (ex: forte por gordo, fino por magro, delicado por atencioso, colcha por lençol etc). Vale ressaltar que, embora outros termos complementares possam, ser usados, há uma forte tendência para privilegiar certas formas.

3.3. Segmentos sobrepostos

Constituem uma relação especial de “parte de”, em que cada item está incluído no seguinte. Ex: segundo, minuto, hora, dia, mês, ano, década, século. Estes termos são incompatíveis num certo sentido, ou seja, segundo é diferente de minuto, embora esta incompatibilidade não seja total. Significa dizer, que é possível graduar os termos numa escala, em que um está contido no outro.

IV. LEVANTAMENTO DO VOCABULÁRIO POR RELAÇÕES LÓGICAS E/OU SEMÂNTICAS REFERENTES A NÍVEIS DE GENERALIDADE⁹

(I) O ESPECÍFICO PELO GENÉRICO

1. caçar / procurar
2. canela / perna
3. de cabeça / de boa memória

4. de gravata / de boa família, da elite
5. enfiar-se¹⁰ / vestir-se bem, com apuro
6. engomadeira / passadeira
7. engomar / passar roupa
8. fazer feira / fazer compras (de supermercado)
9. fazer mercantil / fazer compras (de supermercado)
10. gemer / pagar
11. grade(s) / prisão
12. horário / trem de passageiros (que chega em hora certa todos os dias)
13. ir ao gabinete / ir ao salão de beleza ou ao cabelereiro
14. ir à rua / ir ao centro da cidade
15. jogar, botar ou rebolar no mato / jogar fora
16. Qui-boa¹¹ / água sanitária
17. aprendido / culto
18. lombo / costas, corpo
19. malota / porta-mala (de carro)
20. mente / opinião
21. pastorear / tomar conta, vigiar
22. rapaz¹² / pessoa em geral (para homens ou mulheres)
23. rosa / flor
24. sustança (substância) / força, coragem, resistência, disposição para o trabalho
25. telegrama / telégrafo
26. tertúlia / festa

(II) EXPRESSÕES SEMELHANTES COM VERBOS DE SENTIDO MAIS CONCRETO OU ESPECÍFICO NO DIALETO CEARENSE:

1. agarrar no sono / pegar no sono
2. amarrar a cara / fechar a cara
3. apanhar na cabeça / levar na cabeça
4. atar a rede / armar a rede
5. bater roupa / lavar roupa
6. botar corpo / criar corpo
7. botar força / esforçar-se
8. botar frutos / produzir frutos
9. botar verde (para colher maduro) / jogar verde
10. bulir em casa de maribondo / mexer em casa de maribondo
11. bulir na ferida / tocar na ferida (fazer referência a assunto delicado ou desagradável)
12. engomar roupa / passar roupa
13. enterrar a unha / meter a unha¹³ (explorar nos preços)
14. fazer terço (tirar terço) / rezar terço
15. sair grávida / ficar grávida

⁹ O primeiro termo listado refere-se à forma em uso no dialeto cearense. Após a barra são elencados os termos e/ou significados correspondentes nos falares do Rio e São Paulo.

¹⁰ Vem de “fatiota” ou “terno”. “Estar de terno” significa estar bem vestido.

¹¹ “Qui-Boa” é uma marca de água sanitária. A fala cearense privilegia a marca (o particular), em oposição aos outros dialetos de referência do estudo, que implementam o termo mais genérico, referente ao produto.

¹² O termo “rapaz” também é usado como expressão enfática, ou forma de tratamento.

¹³ Não é regional, mas de origem portuguesa. Mesmo assim, no Ceará a expressão tem uma realização mais concreta.

(III) O GENÉRICO PELO ESPECÍFICO

1. acabar-se (estar se acabando) / morrer, ter fim
2. adoecer / ficar menstruada
3. agrado / presente, gratificação, gorjeta
4. água / chuva
5. andar com / ter relações sexuais
6. animal / cavalo, burro, jumento
7. assento / cadeira, banco, tamborete
8. comprometer-se / ficar noivo
9. criatura / homem, mulher¹⁴, pessoa com quem ou de quem se fala
10. deitar-se com / ter relações sexuais
11. descansar, desocupar-se, despachar / dar à luz, ter um filho
12. despachada / parida, livre da placenta
13. esquentar o juízo / esquentar a cabeça
14. estabelecimento / loja, bar, restaurante, lanchonete, mercearia
15. festas / presente de Natal
16. garantir os atos / garantir os direitos, a segurança
17. grude / goma ou cola
18. guardados / jóias ou pequenos objetos de certo valor
19. homem / senhor, rapaz, menino
20. incomodada / menstruada
21. inverno / época ou período de chuvas
22. juízo / cabeça, cérebro, memória, paciência
23. mulher / senhora, moça, menina
24. panos / roupa (em geral): roupa de cama ou lençol, roupa de bebê ou fraldas, fralda de camisa¹⁵
25. papel / documento ou impressos em geral (carta, procuração, convite, telegrama)
26. perturbar o juízo / perturbar a cabeça, ou as idéias
27. quartos / bunda, traseiro
28. serrar / lixar (as unhas)
29. situação / sítio, propriedade
30. tempo / céu
31. ter sentimento / ter vergonha, escrúpulo
32. terra / propriedade, sítio, fazenda
33. tomar / pedir emprestado
34. verdura / cheiro-verde ou tempero verde

(IV) TERMOS COMPLEMENTARES

Lista A:

1. assar¹⁶ / fritar
2. agravar / falar mal de, fazer mal juízo de, ofender
3. alterar-se / irritar-se

4. apresentado / oferecido, intrometido
5. apresentar-se (uma dor) / aparecer
6. arruinar (um alimento) / estragar, deteriorar
7. buzinar / tocar campainha
8. colcha / lençol
9. comparecer / contribuir com, cooperar com
10. danado / ativo, sabido, hábil, inteligente, corajoso
11. desabar / ir embora para bem longe
12. descansado / vagaroso, preguiçoso
13. destreinado / encabulado, confuso, envergonhado
14. engraçada / bonita, atraente
15. estragado / com a saúde abalada, acabado, gastador
16. fino / magro
17. forte / gordo
18. gorda / grávida
19. grandeza / orgulho, importância
20. grossa / grávida
21. grosso / desajeitado
22. igual / prestativo, leal
23. inchado / maduro
24. infeliz / indesejável, sem vergonha
25. lavadeira / passadeira
26. machucar / amassar, quebrar, estragar, arranhar
27. magoar / machucar (o corpo)
28. mental / doido
29. particular / segredo
30. raça / espécie, qualidade
31. resolvido / corajoso, disposto, resolutivo
32. sabedoria / esperteza, sagacidade, trapaçaria
33. sabido / artiloso, aproveitador
34. sacudir / jogar longe, atirar (sobre)
35. seco / vazio
36. talento / resistência
37. tirano / difícil, embaraçoso, perigoso, cansativo
38. vexame / pressa

Lista B:

1. abusar / enjoar
2. acelerar / apressar
3. acochar / apertar
4. aderente / parente
5. ajeitar / arrumar, preparar
6. ajeitado / bem vestido, enfeitado
7. ajustar (justar) / acertar, combinar
8. alvo / branco
9. anarquizado / batido, velho, fora de moda, surrado
10. apartado / separado, afastado, ausente

¹⁴ Os termos “criatura”, “homem” e “mulher” também são usados como forma de tratamento, servindo, ainda, para dar maior ênfase à conversa, à pergunta, ou para melhor convencer o interlocutor.

¹⁵ “Amarrar os panos” ou “amarrar as camisas” é um duelo em que os opositores amarram as fraldas das camisas e lutam de punhal ou faca (CABRAL, 1982:41/321).

¹⁶ De acordo com a análise de campo lexical de “verbos de cozinhar” feita por LEHRER (1974) e, posteriormente, compilada por VILELA (1979), os lexemas “assar” e “fritar” se distinguem pelos semas: *líquido* (gordura), *fogo direto* e *utensílio especial* (frigideira). Assim, fritar especifica a ação de preparar alimentos por ação do fogo, mas sem sua ação direta, usando gordura e frigideira. No Ceará o uso de “assar” com sentido de fritar expressa generalidade.

11. arenga / bate-boca, discussão, briga, teima
12. arriar / baixar, puxar para baixo, fazer descer
13. arrumação / negócio, acordo, artimanha, peraltice, ma-landragem, imprudência, coisa ridícula, esquisita ou complicada, negócio inconveniente ou duvidoso
14. astucioso / levado, ardiloso, danado
15. banda / metade, lado, pedaço
16. bicho / animal
17. bicho / negócio, coisa
18. bulir / mexer, chatear, roubar, ter relações sexuais
19. buxuda / grávida
20. canto / lugar
21. carecer / precisar, necessitar
22. catrevagem / trecos, terens, trastes
23. cavalete / escada
24. consumição / aflição, esgotamento, preocupação, enfraquecimento
25. copeira / arrumadeira
26. coxia / meio-fio, calçada
27. cruzeta / cabide
28. curado / imune
29. dar assistência / dar atenção
30. delicado / atencioso
31. de revestrés / ao contrário
32. derreado / inclinado, caído, torto, pendido
33. desconforme / muito grande, enorme
34. desconveniente / inconveniente
35. desfeitar / ofender gravemente
36. desonerado / estragado (com aspecto ou cor modificada)
37. desinterar / reduzir
38. empachado, empanzinado / empanturrado (com o estômago muito cheio, com dificuldade de digestão)
39. enfezado / aborrecido, zangado
40. enfezar / provocar (a raiva de alguém)
41. enjeitar / não aceitar, recusar
42. esbagaçar ¹⁷ / despedaçar, desperdiçar, esbanjar
43. escangalhar ¹⁸ / quebrar, rebentar
44. esmorecido / cansado, exausto, desanimado
45. espatifado / bagunçado, quebrado
46. estar danado para / estar louco para, estar ansioso, com pressa de
47. estaqueado / picotado, cabelo mal cortado
48. estranhar-se / brigar
49. estremecido / brizado, com as relações de amizade abalada
50. farda / uniforme
51. fastio / falta de apetite
52. fraquejar / desistir, perder a coragem
53. gabinete / escritório
54. goma / polvilho
55. intrigado / brigado, de mal
56. judiar / maltratar

57. largado / separado, abandonado, desprezado
58. lesado / lerdo
59. maldar / fazer mal juízo, suspeitar, caluniar
60. marmota / esquisitice
61. não prestar / não dar certo
62. opinioso / teimoso, caprichoso
63. pano / tecido
64. pescar / colar (em provas)
65. remontar / reformar, consertar (roupa)
66. saído / saliente, intrometido
67. serviço / trabalho, encargo
68. sunga / calcinha
69. torto, zarolho / estrábico
70. vistoso / bonito
71. vontadoso / interessado, cheio de vontades
72. queda / tombo
73. quentura / calor
74. vexado / apressado, impaciente, preocupado, confuso

(V) O GENÉRICO PELO GENÉRICO

1. arrumação / negócio, coisa
2. banda / lado, pedaço
3. bicho / animal
4. bicho / negócio, coisa
5. canto / lugar
6. catrevagem / trecos, coisas
7. pano / tecido, roupas em geral
8. raça / espécie, qualidade
9. serviço / trabalho, encargo

(VI) SEGMENTOS SOBREPOSTOS

1. arriado / doente, acamado doente / menstruada
2. bicho / negócio, coisa arrumação / negócio, coisa
3. criatura / homem, mulher homem / senhor, rapaz, menino mulher / senhora, moça, menina
4. engraçada / bonita vistosa / bonita
5. esquentar a paciência / esquentar a cabeça esquentar a cabeça / ficar irritado
6. lido / aprendido aprendido / culto, instruído
7. magoar, judiar / machucar machucar / amassar, quebrar, estragar, arranhar
8. panos / colchas (roupa de cama) colcha / lençol
9. situação / propriedade, terra propriedade / sítio, casa, fazenda, terreno

V. DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir dos dados do corpus discutiremos aqui a especificação/generalização como um dos princípios em jogo

¹⁷ Vem de “bagaço”, aquilo que não serve e se joga fora.

¹⁸ Vem de “cangalho”, que significa objeto velho e inútil.

na organização do léxico no dialeto cearense. Tentaremos mostrar como tal princípio se relaciona com os mecanismos de restrição e de extensão do significado, para o qual contribuem ainda princípios metafóricos e metonímicos.

1. O Específico pelo Genérico

No levantamento de palavras específicas por palavras de sentido genérico (lista I) podemos observar claramente um efeito de *ampliação do sentido*.

As expressões “fazer feira” (I/8)¹⁹ e “fazer mercantil” (I/9), por exemplo, usadas no Ceará com o mesmo sentido de fazer compras de supermercado, foram cunhadas a partir do hábito antigo de fazer compras em feiras livres e do nome “Mercantil São José”²⁰, respectivamente.

O verbo “caçar” (I/1), usado amplamente em lugar de “procurar” um objeto perdido (ex: Caçou os papéis por toda parte e não encontrou nada); e o verbo “pastorar” (I/21), empregado por tomar conta (Exs: Vou pastorar o carro. Fico pastoreando os meninos.) também são ilustrativos da ocorrência de expansão de sentido. Por este mecanismo aumenta a extensão da palavra, isto é, ela se aplica a uma maior variedade de coisas, mas sua precisão diminui, expressando menos a respeito de seus referentes. Aqui atua o operador semântico de *supressão sêmica* (DUBOIS et alli, 1970:135), cujo efeito é ampliar a extensão de um termo, tornando-o mais geral.

Nos quadros seguintes referentes aos traços semânticos distintivos de caçar/procurar e de pastorar/tomar conta podemos visualizar melhor a supressão de alguns semas, expandindo e generalizando, no dialeto cearense, o sentido

Quadro I
dos termos exemplificados

Dimensões	Empenho, tentativa para achar algo	Exame atento, observação	Solicitação	Investigação, Pesquisa	Ato de perseguir	Ato de recolher	Ato de apoderar-se	De Animais	Com algo: tiro, laço, rede, etc.
Lexemas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Caçar	+	+	-	-	+	-	+	+	+
Procurar	+	+	+	+	+	+	-	-	-

Quadro II

Dimensões	Ato de cuidar, encarregar-se	Ato de guiar ao pasto	Ato de guardar o gado no pasto
Lexemas	(1)	(2)	(3)
pastorar	+	+	+
tomar conta	+	-	-

Caçar (Quadro I) não compartilha de todos os traços semânticos de procurar, mas ao ser empregada também com este sentido, a palavra perde algumas de suas distinções

originais (semas 7,8 e 9), passando a dizer *menos* sobre *mais* coisas.

O mesmo ocorre com o par pastorar/tomar conta, em que a primeira palavra perde as distinções semânticas 2 e 3, ao passar a cobrir o significado de “tomar conta”. Como se vê, neste processo abrem-se as fronteiras de significado. Mantém-se os traços semânticos comuns e são suprimidos os que diferenciam a palavra específica, que passa a ser usada com sentido mais genérico.

Um outro exemplo típico não apenas do dialeto cearense, mas de algumas línguas eslavas do sul da Europa é a palavra “rosa”, usada no sentido genérico de “flor”.

Este mesmo mecanismo de extensão de significado pode ser observado igualmente numa dimensão diacrônica. A palavra “rival”, por exemplo, alarga o sentido original do latim “rivus” (riacho, os que têm o mesmo riacho, portanto “vizinhos”), ampliando esta rivalidade para o campo amoroso.

Paralelamente ao mecanismo de extensão do significado, vamos encontrar no dialeto cearense freqüentes associações de sentido por transferências metonímicas, cujo efeito também é o de expandir o significado e encurtar distâncias. Tais associações são feitas com base em relações espaciais ou temporais, surgindo entre palavras já relacionadas entre si.

No primeiro caso, o nome de uma coisa pode ser transferido para outra que lhe seja contígua ou próxima, como entre: canela / perna (I/2), de cabeça / de boa memória (I/3), de gravata / de boa família (I/4), grade / prisão (I/11), ir ao gabinete / ir ao salão de beleza (I/13), lombo / corpo (I/18), malota / porta-mala de carro (I/19), telegrama / telégrafo (I/25) etc.

No segundo caso, o nome de uma ação, acontecimento ou qualidade pode ser transferido para qualquer coisa que o preceda ou siga, como entre: gemer / pagar (I/10), jogar botar ou rebolar no mato / jogar, botar ou rebolar fora (I/15), aprendido / culto (I,17), sustança / força, coragem (I/24) etc.

Com relação às transferências metonímicas, convém observar que não se deve inferir do que foi apontado que os dialetos do centro-sul também não façam uso do mesmo processo, ou que o façam mais ou menos. O que precisa ser percebido é que o processo de transferência se dá entre palavras privilegiadas no dialeto cearense e palavras dos dialetos de referência deste estudo. O importante é ter em mente que tais transferências são feitas de modo a realçar aquilo que é mais saliente e concreto, mantendo-se, assim, a tendência de usar termos específicos como genéricos ou de concretizar palavras abstratas.

Também aqui podemos observar, diacronicamente, a ocorrência do mesmo tipo de transferência em palavras cujos significados são ampliados ao passarem de um campo especializado para a linguagem comum. Em francês, assim como no inglês, há vários exemplos de termos relativos à caça: as palavras “lure” (isca, engodo, chamariz) e “allure” (fascinar, atrair, persuadir) vieram do sentido original de “lure” que era um instrumento usado pelos falcoeiros para chamar seus falcos.

¹⁹ Indicamos em algarismos romanos a lista em que a palavra aparece no levantamento e, em algarismos arábicos após a barra, a numeração da palavra dentro desta lista.

²⁰ O “Mercantil São José” foi o primeiro supermercado de Fortaleza, vindo a se constituir depois numa rede de supermercados.

²¹ Tal instrumento era constituído de um tufo de penas atadas a uma corda, dentro da qual, durante o adestramento, o falcão encontrava comida.

2. Expressões semelhantes com verbos de sentido mais concreto ou específico no dialeto cearense

Neste conjunto foram reunidas expressões equivalentes nos dialetos das duas regiões e é curioso notar que até mesmo nelas há nuances de variação introduzidas pelo verbo de sentido mais concreto, reiterando a tendência geral do estudo.

A título de exemplo, observemos os pares de verbos: agarrar / pegar no sono (II/1), amarrar / fechar a cara (II/2), apanhar / levar na cabeça (II/3), botar força / esforçar-se (II/7), botar verde / jogar verde (II/9) entre outros. A propósito das duas últimas expressões, vale observar a grande incidência, na fala cearense, de metáforas formadas a partir do verbo *botar*, traduzindo experiências abstratas em termos concretos: botar a perder / inutilizar, estragar; botar corpo / criar corpo, desenvolver as formas; botar no mundo / dar à luz; botar nos eixos / endireitar, corrigir; botar pra cima de / suspeitar, culpar; botar sentido em / tomar conta de, prestar atenção etc.

3. O Genérico pelo Específico

No levantamento de palavras genéricas por palavras de sentido específico (Lista III) verificamos um efeito de *restrição de significado*.

Exemplificando, temos a palavra “verdura” (III/34), que no dialeto cearense é usada com sentido de cheiro-verde ou tempero-verde (cebolinha, salsa, coentro etc.); e a palavra “agrado” (III/3) que nesta região reduz seu significado para “presente”, “gratificação” ou “gorjeta”. O mesmo acontece com “inverno” (III/21), empregado com o sentido de período ou época das chuvas; “festas” (III/15) por presente de natal (no singular); “grude” (III/17) por goma ou cola, “mulher” (III/23) por senhora, moça ou menina, “serrar” as unhas (III/28) por lixar as unhas, “panos” (III/24) por roupa de cama, lençol, roupa de bebê, fraldas ou camisas e outros tantos casos.

Da mesma forma, o termo genérico animal (III/6), é empregado constantemente no sentido particular de cavalo, burro ou jumento; assim como a palavra “estabelecimento” (III/14) por loja, bar, mercearia, lanchonete ou restaurante.

O procedimento é o seguinte: o termo “animal”, ao ser empregado por cavalo, burro ou jumento, vai incorporar os semas destas palavras. Assim, sua extensão *restringe-se* a estes sentidos particulares, mas, paralelamente, sua intensidade semântica aumenta, na medida em que esta palavra passa a cobrir todos os demais traços de significado das outras. Mecanismo idêntico ocorre com o termo “estabelecimento”, que compartilha apenas alguns semas com os demais desta série e, ao ser usado alternativamente com o sentido específico de loja, bar, mercearia, restaurante e lanchonete, perde

em amplitude terminológica, mas expande seus traços semânticos, intensificando o sentido.

Não é preciso ir adiante na enumeração para se perceber como este mecanismo é freqüente na fala do Ceará. Por meio dele, as palavras passam a se aplicar a coisas mais particulares, ou seja, restringe-se o seu âmbito, mas o significado enriquece-se com um traço adicional. Neste caso entra em jogo a *adjunção sêmica*, operador semântico cujo efeito é restringir a extensão de um termo, tornando-o mais específico (DUBOIS et alli, 1970:135).

Tal como a extensão, a restrição de significado também pode ocorrer numa dimensão diacrônica, e, neste caso, faz com que o sentido especializado anule o mais genérico. No francês, por exemplo, alguns verbos tiveram seu sentido restringido quando passaram para a linguagem da vida rural: a palavra “cubare” (reclinar-se) deu no francês “couver” (chocar), assim como “ponere” (colocar) deu “pondre” (por ovos) e “mutare” (mudar) deu “muer” (mudar o pelo ou as penas). Ainda no francês, a palavra “viande” que até o século XVII significava comida em geral, depois limita seu sentido e passa a significar apenas carne.

No inglês temos a palavra “voyage”, que originalmente significava viagem e depois passa a significar exclusivamente viagem por mar ou água.

O princípio generalização/especificação, intimamente relacionado ao mecanismo de restrição do significado, tal como foi exemplificado anteriormente, está igualmente relacionado à hiponímia ou inclusão de classe (ver item 3.1). No dialeto cearense o termo genérico empregado com sentido específico freqüentemente é um superordenado. Por exemplo: Se ela é uma menina (III/23), então é uma mulher. Mas se digo que é uma mulher, não posso dizer que, necessariamente, seja uma menina. Se é chuva, é água (III/4), mas nem toda água é chuva. Uma cadeira é um tipo de assento (III/7), mas um assento não é um tipo de cadeira. Em todos estes casos a implicação é unilateral, logo estamos diante de casos de hiponímia.

Na palavra “panos” (III/24) usada por lençóis, colchas, fraldas, roupas em geral, o primeiro termo é o superordenado ou arquitelexema em relação aos seguintes, que são seus hipônimos.

No conjunto de dados em que estes exemplos figuram podemos observar ainda a mesma ocorrência de transferências metonímicas registradas no item anterior, só que desta feita do genérico em direção ao específico.

Através dessas associações as palavras abstratas se concretizam, facilitando a rápida intuição de coisas já conhecidas (ULLMANN, op. cit. p.445). É o que acontece em acabar-se/morrer (III/1); descansar/dar à luz ou ter um filho (III/11); grude/cola, goma (III/17); juízo/cabeça, cérebro, memória, paciência (III/22); terra/propriedade, sítio, fazenda (III/32). Como é próprio do processo metonímico um termo é tomado por outro que lhe seja próximo espacial ou temporalmente, incluindo-se aí, especialmente, as associações por causa/efeito e parte/todo.

Aqui também vale enfatizar que a metonímia, apesar de ser recurso lingüístico geral e, portanto, aplicar-se aos demais dialetos do Brasil, tem no Ceará um uso especial. Na fala cearense fixa-se de tal maneira o primeiro termo do par de palavras associadas, que o segundo termo praticamente desaparece do uso. E este mecanismo também contribui para a tendência de tomar termos genéricos por específicos.

4. Termos Complementares

A análise da variação lexical referente a níveis de generalidade desvelou um aspecto correlato que, à primeira vista, pode ser confundido com a questão principal do estudo (o uso de termos específicos por genéricos e vice-versa). Trata-se da grande incidência de termos complementares ou pares de palavras com um mesmo referente, intimamente relacionadas no uso, mas que expressam nuances significativas diversas.

Se observarmos com mais detalhe o levantamento de termos complementares veremos que esta lista apresenta pares de palavras que podem ser reunidas por critérios distintos.

De um lado temos termos do dialeto cearense também empregados nos dialetos do Rio e São Paulo, mas *com sentidos diferentes*. Nomeamos este conjunto de *lista A*. Ex: grossa por grávida (Lista A, IV/19), a palavra grossa é usada nas duas regiões, mas não com esta acepção). Do mesmo modo, machucar por amassar (Lista A, IV/25); engraçada por bonita (Lista A, IV/13), forte por gordo (Lista A, IV/16).

De outro lado estão os termos usados preferencialmente pelo falante do Ceará em relação a termos mais difundidos no centro-sul do país. Nomeamos este conjunto de *lista B*. Ex: banda por pedaço (Lista B, IV/15); canto por lugar (Lista B, IV/20); copeira por arrumadeira (Lista B, IV/25); pescar (em provas) por colar (Lista B, IV/64); bulir por mexer (Lista B, IV/18).

Registre-se, ainda, como adverte Lehrer, a flutuação subjetiva existente na classificação dos termos complementares, decorrente da complexidade conceptual dos critérios que organizam este conjunto de itens lexicais.

Por outro lado ainda persiste nesses pares de palavras um matiz de transferência metonímica, tal como se tem observado ao longo da discussão dos dados. É o caso de buzinar por tocar campainha (lista A, IV/6); mental por doido (lista A, IV/27), cavalete por escada (lista B, IV/23); lavadeira por passadeira (lista A, IV/24), entre outros. A proximidade conceitual entre os termos, (freqüentemente expressa na relação “espécie de” ou “tipo de”), faz com que se fixe o uso de um termo por outro.

No caso dos complementares configura-se a mesma tendência de deslocamento semântico verificada ao longo do estudo, ainda que numa escala menor de generalidade. A variação lexical praticamente não afeta o grau de generalidade das palavras, mas há entre elas uma troca de secas, o que acarreta a variação de significado aludida a propósito da lista A.

5. O Genérico pelo Genérico

Neste conjunto de dados podemos observar a mesma relação de complementaridade discutida cima, só que aplicada exclusivamente à variação de termos genéricos (superordenados, arquilexemas ou palavras-rótulo), como se pode perceber em: arrumação por negócio ou coisa (V/1); em raça por espécie (V/8) ou em bicho por animal (V/3).

6. Segmentos sobrepostos

Neste item agrupamos termos da fala do Ceará que se sobre põem numa escala, isto é, o primeiro termo é usado por um segundo que, por sua vez é usado por um terceiro. A maioria dos conjuntos refere-se a uma escala de termos superordenados como nos seguintes exemplos: a palavra criatura (VI/3) usada com sentido de homem, que é usada por senhor, rapaz e menino; ou a palavra panos (VI/8) que é usada por colchas, que, por sua vez, é usada por lençóis.

A existência deste tipo de relação semântica explica em parte a circularidade das definições de dicionário, em que as palavras freqüentemente se auto-remetem umas às outras.

Com relação à variação lexical constata-se, assim, a existência de segmentos sobrepostos também entre conjuntos de palavras típicas do dialeto cearense. (Vale lembrar que não se está comparando aqui a ocorrência de segmentos sobrepostos entre a fala do Ceará e as demais.)

VI. COMENTÁRIO FINAL

Finalizando a discussão dos dados, podemos dizer que a especificação/generalização é, de fato, um dos princípios básicos da organização do vocabulário no dialeto cearense, quando confrontado com falares do centro-sul do Brasil. No estudo esta regra foi explicitada a partir dos mecanismos de restrição e de extensão do significado, sob a ótica da variação e da mudança semânticas.

Elucidando traços da variação lexicológica a nível regional, o trabalho abre perspectivas para novos estudos que venham a explorar os fatores sócio-culturais em jogo na questão, mediante um tratamento sociolinguístico dos dados. Aponta ainda, para a necessidade de um estudo variacionista sobre expressões metafóricas.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de e MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília, UFPB/CNPQ, 1984.
- BESSA, José Rogério Fontenele. “O Atlas Lingüístico do Ceará”. In: *Desafio ano I, nº 1*. Fortaleza, UFC, Pró-Reitoria de Extensão, abril/1988.
- DUBOIS et alii. *Retórica Geral*. Cultrix, S.Paulo, 1970

- MC. CARTHY, Michael e CARTER, Ronald. "Lexis and Strudure" In: *Vocabulary and Language Teaching*. Longman, London and New York, 1988:18-38.
- HUDSON, R. A "Linguistic and social inequality". In: *Sociolinguistics*. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, 1980
- LEHRER, Adrienne. *Semantic fields and lexical structure*. Tucson/Arizona, North-Holland Publishing Company, 1974, p.31/34.
- LYONS, Jonh. *Semântica I*. Editorial Presença / Martins Fontes, Lisboa, 1977.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983
- TARALLO, Fernando. "Por uma Sociolinguística Romântica e Paramétrica: Fonologia Sintaxe". In: OLIVEIRA, Marco Antonio de e NASCIMENTO, Milton do (org.) *Ensaio de Linguística, Ano III, nº 13*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1987:53.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica - Uma Introdução à Ciência do Significado*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964
- _____. *Lenguaje y Estilo*. Madri, Aguilar, 1977:250.
- VILELA, Mário. *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979:143-144.